

## I

A aldeia jazia sob uma camada de dois pés de neve, com montões mais altos nas esquinas ventosas. No céu de chumbo, os vértices da Ursa brilhavam como pingentes de sinelo, e Órion dardejava o seu frio lume. A lua escondera-se, mas a noite estava tão transparente que as fachadas brancas entre ulmeiros pareciam pardas em contraste com a neve, que os maticos de arbustos manchavam de negro, e sobre cuja ondulação infinita as janelas da cave da igreja projectavam grandes focos de luz amarela.

O jovem Ethan Frome percorreu rapidamente a rua deserta, passando pelo banco, pela nova loja de Michael Eady, toda em tijolo, e pela casa do advogado Varnum, com o seu par de espruces da Noruega a ladear o portão. Diante do portão dos Varnums, onde a estrada começava a descer para o vale de Corbury, a igreja erguia o seu esguio e branco campanário e o seu peristilo estreito. No momento em que o jovem Ethan para lá se dirigiu, as janelas do andar de cima desenhavam uma galeria negra ao longo da parede lateral do edifício, mas das frestas do piso inferior, do lado onde o terreno descia quase a pique até à estrada de Corbury, jorravam longos veios de luz, iluminando um grande número de trilhos recentes no carreiro

que conduzia à porta da cave, e dando a ver, no telheiro adjacente à igreja, uma fila de trenós com os seus cavalos cobertos por mantas grossas.

Não corria sequer uma aragem, e o ar estava tão seco e límpido que quase não se sentia o frio. A impressão que isto causava em Frome era a de uma total ausência de atmosfera, como se só o mais rarefeito éter pairasse entre a neve que pisava e a cúpula metálica por sobre a sua cabeça. «É pouco mais ou menos como estar dentro de um receptáculo vazio», pensou. Quatro ou cinco anos antes tirara um curso de um ano numa escola técnica em Worcester, e fizera alguns trabalhos de laboratório com um professor de física de quem ficara amigo; e as imagens derivadas dessa experiência continuavam a vir à tona, quando menos esperava, entre as associações de ideias bem diversas com que desde então vivera. A morte do pai, e os contratempos que se lhe haviam seguido, tinham posto um fim prematuro aos estudos de Ethan; mas estes, embora não tivessem durado o bastante para lhe serem de grande utilidade prática, alimentavam-lhe a fantasia e permitiam-lhe entrever grandes e nebulosos sentidos por trás da aparência corriqueira das coisas.

Ao caminhar pela neve, a noção desses sentidos ocultos ia bem acesa no seu cérebro, confundindo-se com o calor físico gerado pelo ritmo vivo da marcha. Chegado ao extremo da aldeia, parou diante da fachada sem luz da igreja. Ficou por instantes parado, ofegante, a percorrer com os olhos a rua, onde não se via mais ninguém. O declive da estrada de Corbury, abaixo dos espruces do advogado Varnum, era a pista de tobogã preferida dos jovens de Starkfield, e nas noites claras a esquina da igreja ressoava até tarde com os gritos dos desportistas; mas hoje nem um trenó maculava a brancura da longa vertente. O silêncio da meia-noite abatera-se sobre a aldeia, cuja vida desperta estava toda reunida para lá das janelas da igreja, de onde jorrava, juntamente com as largas faixas de luz amarela, uma sucessão de acordes de música de dança.

Contornando o edifício, o jovem desceu o caminho inclinado que dava acesso à porta da cave. Para não ser denunciado

pelos focos de luz que brotavam do interior, fez um desvio pelo meio da neve ainda por pisar e aproximou-se a pouco e pouco da esquina mais distante da cave. Daí, sempre cosido com a sombra, avançou cautelosamente até à janela mais próxima, mantendo escondido o corpo magro e direito e esticando o pescoço até conseguir espreitar para dentro da sala.

Visto assim, da escuridão límpida e gélida onde ele se achava, o salão parecia envolto numa névoa de calor. Os reflectores metálicos dos candeeiros a gás projectavam vagas de luz crua contra as paredes caiadas, e os flancos metálicos da sala-mandra, no outro extremo do salão, pareciam arfar com ímpetos vulcânicos. A pista de dança estava apinhada de rapazes e raparigas. Ao longo da parede lateral fronteira à janela via-se uma fila de cadeiras de cozinha, de onde as senhoras de mais idade acabavam de se levantar. A música parara, entretanto, e os músicos — um rabequista e a jovem que aos domingos tocava órgão na igreja — tomavam à pressa uma bebida, a um canto da mesa que exhibia, no estrado erguido a um dos cantos do salão, os seus restos de empadão e pratinhos de sorvete. Os convivas preparavam-se para sair, e a maré humana já se encaminhava para o corredor onde se penduravam os casacões e os abafos, quando um jovem de pé ligeiro e farta cabeleira negra saltou para o meio da pista e bateu palmas. O sinal teve efeito imediato. Os músicos precipitaram-se para os seus instrumentos, os bailadores — alguns já meio agasalhados para saírem — formaram alas de ambos os lados do salão, os espectadores mais velhos voltaram aos seus lugares, e o exuberante rapaz, mergulhando aqui e ali na multidão, tirou para dançar uma rapariga que já envolvera a cabeça numa mantilha cor de cereja e, conduzindo-a até ao limite da pista, rodopiou com ela até ao outro extremo, ao som galopante de uma contradança.

O coração de Frome desatou a bater mais depressa. Também ele se esforçara por avistar a cabeça morena envolta na mantilha cor de cereja, e humilhava-o que outros olhos tivessem sido mais lesto que os seus. O rapaz que conduzia a contradança, e que parecia ter nas veias sangue irlandês, dançava

bem, e a companheira deixou-se contagiar pela sua animação. Ao passar por entre as alas, figura ligeira a rodopiar de mão em mão, em círculos cada vez mais rápidos, a mantilha escorregou-lhe da cabeça e descaiu-lhe para trás das costas; a cada volta, Frome entrevia-lhe os lábios risonhos e ofegantes, a nuvem de cabelo moreno em redor da testa, e os olhos escuros que pareciam ser os únicos pontos fixos num emaranhado de linhas esvoaçantes.

Os pares evoluíam cada vez mais depressa, e os músicos, para os acompanharem, maltratavam os seus instrumentos como jóqueis esporeando as montadas na recta final de uma corrida; para o jovem postado à janela, porém, a contradança parecia não ter fim. De quando em quando desviava os olhos do rosto da rapariga para o do seu par, que, na euforia da dança, assumira uma expressão de posse quase insolente. Denis Eady era filho de Michael Eady, o ambicioso merceeeiro irlandês que, com a sua versatilidade e descaramento, havia dado a Starkfield um primeiro antegosto das «artimanhas» do negócio, e cuja loja nova, construída em tijolo, atestava o êxito da tentativa. O filho parecia inclinado a seguir-lhe os passos, e entretanto ia aplicando idênticas artes à conquista das donzelas de Starkfield. Até aí Ethan Frome contentara-se com achá-lo um indivíduo desprezível; mas agora Denis estava mesmo a pedir umas chicotadas. Estranhamente, a rapariga não parecia dar por isso: conseguia erguer o rosto enlevado para o do seu par, e abandonar as suas mãos nas dele, sem reparar, pelos vistos, no que o seu olhar e o seu contacto tinham de ofensivo.

Frome costumava ir a pé até Starkfield para acompanhar a casa a prima da mulher, Mattie Silver, nas raras noites em que um divertimento a atraía à aldeia. Fora a mulher quem sugerira, quando a rapariga viera morar com eles, que se lhe deviam proporcionar esses divertimentos. Mattie Silver vinha de Stamford, e quando se instalara em casa dos Fromes para dar uma ajuda à prima Zeena, esta achou preferível, uma vez que Mattie não recebia salário, não a fazer sentir um contraste demasiado nítido entre a vida que deixara e o isolamento de uma

quinta em Starkfield. Não fora isso — reflectia Frome, sardonicamente — e nunca passaria pela cabeça de Zeena pensar nas distrações da rapariga.

Quando a mulher propusera que dessem a Mattie uma ou outra noite de folga, ele ficara intimamente contrariado por ter que percorrer as duas milhas suplementares de ida e volta até à aldeia, ao fim de um dia de duro trabalho na quinta; mas pouco tempo depois já chegava ao ponto de desejar que Starkfield consumisse em folguedos todas as suas noites.

Mattie Silver vivia sob o seu tecto havia um ano, e desde manhã cedo até se encontrarem à hora da ceia, tinha frequentes oportunidades de a ver; mas nenhuns momentos passados na sua companhia eram comparáveis a esses em que, de braço dado com ele, voando ligeira em vez de andar, dir-se-ia, para acompanhar as grandes passadas que ele dava, caminhava a seu lado noite dentro de regresso à quinta. Ele afeiçoara-se à rapariga desde o primeiro dia, quando fora esperá-la a Corbury Flats, e ela sorria e lhe acenara do comboio, exclamando: «Você deve ser o Ethan!» ao saltar para o cais com as suas trouxas, enquanto ele pensava, mirando de cima a baixo a sua figura franzina: «Não parece muito talhada para a lida da casa, mas pelo menos não é rezingona.» A chegada a sua casa de uma vida jovem e esperançosa foi como um lume aceso em lazeira fria, mas não só. A rapariga era mais do que a criatura alegre e prestável que Ethan vira nela. Mattie tinha olhos para ver e ouvidos para escutar: ele podia mostrar-lhe coisas e contar-lhe coisas, e saborear as delícias de sentir que tudo o que partilhava com Mattie deixava nela longas reverberações e ecos, prontos a deixar-se despertar sempre que ele entendesse.

Era durante as caminhadas nocturnas de regresso à quinta que Ethan mais intensamente sentia a doçura desta comunhão. Sempre fora mais sensível do que as pessoas do seu meio ao apelo da beleza natural. Os seus estudos interrompidos tinham dado forma a essa sensibilidade, e mesmo nos momentos mais infelizes céu e campos falavam-lhe à alma, com um profundo e intenso poder de sugestão. Mas até aí a emoção permanecera